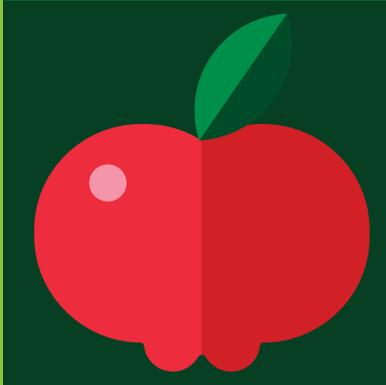
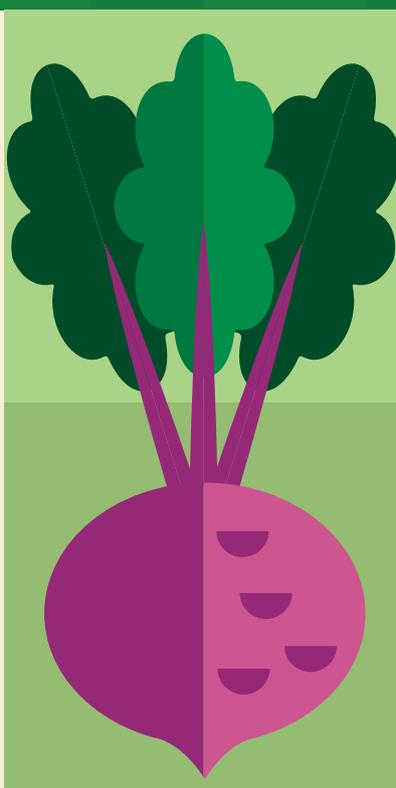
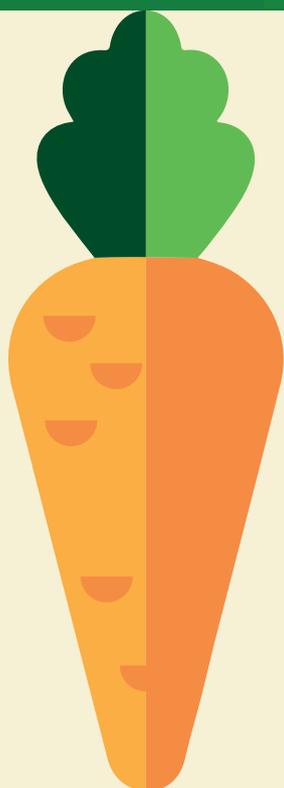


Relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas

Unidade de Desenvolvimento Rural e Agroalimentar
Divisão de Programas e Avaliação Agrícola





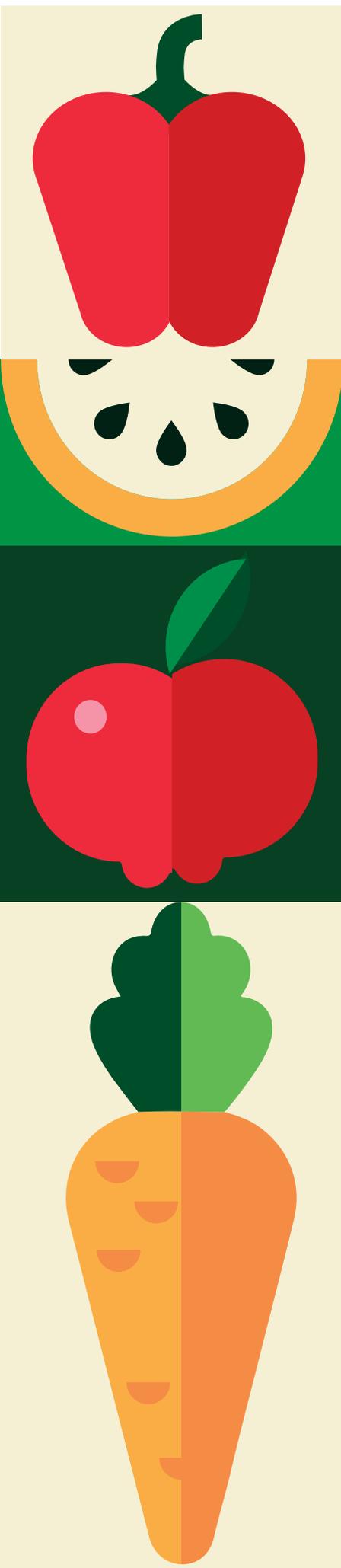
1 – Estado do tempo e sua influência na agricultura.

Nas **zonas do litoral**, o mês de julho foi quente e seco, com temperaturas máximas mais elevadas que no mês de junho. A precipitação foi escassa. No geral, os dias foram solarengos, com pouca neblina matinal, condições muito favoráveis para um bom desenvolvimento vegetativo do arroz e do milho. As condições meteorológicas registadas permitiram o bom desenvolvimento vegetativo das culturas, realizar as fenações, iniciar as colheitas dos cereais praganosos de outono-inverno e também da batata de regadio.

No Baixo Vouga, a elevada humidade nocturna aliada a alguns dias muito quentes, acompanhados com grande intensidade do vento do quadrante norte, tiveram influência no bom desenvolvimento do início da frutificação das pomóideas, prunóideas e citrinos e no vingamento do fruto nos pomares de kiwi.

No Pinhal Litoral, o tempo muito quente e muito seco tem provocado aumentos dos custos de produção devido à necessidade de aumentar a frequência das regas.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, após o pico de calor do fim do mês anterior e que se prolongou pelos primeiros dias de julho, as temperaturas baixaram, tendo sido amenas durante a primeira quinzena, havendo inclusive dias com temperaturas máximas a rondar os 25°C. Além de alguns dias com nebulosidade e de noites húmidas, ocorreram dois pequenos episódios de precipitação nos dias 11 e 20. Na última semana do mês voltaram as temperaturas extremamente altas, assim como, períodos bastante ventosos, que causaram stress térmico nas culturas, bem como o risco de escaldão. Soma-se também a paragem no desenvolvimento das plantas e no crescimento dos respectivos frutos. Foi necessário aumentar as dotações da rega nas culturas de regadio ou proceder a rega em certas culturas permanentes. A maioria das vinhas encontra-se no estado fenológico do pintor. As variedades de mesa mais precoces, já se encontram na fase de amadurecimento, em zonas mais quentes. No olival, a cultura encontra-se na fase de fruto em crescimento 2º estado – endurecimento do endocarpo.



Na cultura do castanheiro, o fruto já está vingado e encontra-se no estado fenológico do inchamento/desenvolvimento do fruto.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, o mês de julho pautou-se por ser quente e seco, tendo tido algumas manhãs orvalhadas.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, o mês registou temperaturas altas e muito altas. A precipitação foi quase nula, tendo ocorrido apenas em cerca de 3 dias com reduzida volume. As condições atmosféricas do mês não afectaram de forma significativa as culturas, nomeadamente as mais sensíveis à falta de água, dado que os solos estiveram com muita humidade até muito tarde. A subida de temperatura, provocou “escaldão” em algumas culturas e afectou o enchimento do grão em alguns cereais, no entanto, permitiu uma aceleração e recuperação no ciclo das culturas que estavam em atraso.

No Pinhal Sul, foram registadas temperaturas acima das médias (+ 1,9°C nas máximas e +1.92 nas mínimas), em relação as do mês de julho de 2024. A precipitação foi nula.

Nas **zonas do interior**, o mês variou entre temperaturas altas, diminuição das temperaturas, sobretudo da mínima e, na última semana subida acentuada das temperaturas máxima e mínima. O mês foi seco, sem precipitação, facilitando a colheita dos cereais de outono-inverno.

Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, este estado de tempo prejudicou bastante o desenvolvimento das diversas culturas, devido sobretudo às altas temperaturas verificadas.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, o mês de julho caracterizou-se por apresentar no geral, temperaturas médias idênticas às registadas em igual período de 2024. A diminuição da precipitação e a subida brusca da temperatura, em determinados dias, seguidas de oscilações térmicas inversas, por vezes acompanhadas de ventos moderados a fortes, contribuíram para a rápida secagem dos fenos, das pastagens de sequeiro existentes em solos mais frescos, principalmente a norte da Cova da Beira e na Serra da Estrela. Estes factores, agravaram também alguns problemas de queda de azeitona e de outros frutos, nomeadamente pêsego. Comprometeu também a germinação e desenvolvimento inicial de algumas culturas de primavera/verão, principalmente as realizadas em sequeiro.

No Anexo I, apresenta-se quadro com alguns valores da precipitação acumulada, número de dias com precipitação e de temperaturas médias registadas durante o mês de julho em algumas das Estações Meteorológicas do Ministério da Agricultura e de outros Organismos instaladas na região centro.

No Anexo II, apresenta-se quadro com valores referentes aos níveis de armazenamento de água nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas do Grupo IV, na região centro, no final do mês de julho.



2 – Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.

No que respeita aos factores bióticos, de um modo geral, as condições climáticas contribuíram para o aparecimento de pragas e doenças, evidenciando-se os seguintes casos:

- No Baixo Mondego (**zona do litoral**), na cultura do milho, verificaram-se ataques do vírus do nanismo e de algum alfinete. Na cultura do arroz, surgiu a presença de infestantes (milhã). Nas vinhas não tratadas verificou-se muita infestação de míldio de difícil controlo.
- No Pinhal (**zona de transição**), na vinha já terminaram os tratamentos fitossanitários. Após uma primavera muito exigente, com vários ataques ao nível de doenças – sobretudo de míldio – nesta fase a preocupação centrou-se também no oídio. A informação transmitida pelos viticultores é que os cachos estão de modo geral são (ainda assim alguns viticultores tiveram perdas mais significativas devido a míldio, conforme reportado em anteriores relatórios). A cultura da batata foi muito afectada pelo míldio, tendo exigido vários tratamentos fitossanitários e refletindo-se nas baixas produções obtidas até ao momento. No olival, onde grande parte das árvores são da variedade galega, nem todos os agricultores procedem a tratamentos fitossanitários, o que contribui muito para a disseminação do olho-de-pavão e a cercosporiose, sobretudo em olivais antigos. É visível na maioria destes olivais, ramos que sofreram uma desfoliação total, não apresentando qualquer produção. Ainda assim, no presente mês as altas temperaturas condicionaram de alguma forma o desenvolvimento de doenças ou a propagação de pragas. A gafa ainda não se manifestou e a percentagem de frutos picados pela mosca ainda não é significativo.
- Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões (**zona de transição**), na vinha foram verificadas zonas com míldio e oídio, assim como, já foi detectada a presença da cigarrinha-da-Flavescência-Dourada. O desavinho também foi verificado em alguns locais. Nas pomóideas, os pomares de maçãs encontram-se na fase fenológica de crescimento e formação de frutos. Foi verificado o início do voo da 2ª geração do bichado-da-fruta, assim como, um forte ataque de aranha-vermelha em alguns pomares da região, a 2ª geração de cochonilha de S. José. Reporta-se ainda “pedrado” resultante de muita precipitação e humidade nos solos ocorrida até ao final de maio.
- No Pinhal Sul (**zona de transição**), a doença que mais se manifestou foi o pedrado nas macieiras e pereiras, causado por grande quantidade de precipitação que ocorreu durante todo o mês de março, alguma precipitação em abril e novamente grande quantidade de precipitação na primeira semana de maio, que causou infecções secundárias. No mês de julho iniciou-se o voo da 2ª geração de bichado nas pomóideas, os fruticultores continuam a renovar os tratamentos, com produtos de acção larvicida. Os olivais estão no estado I1 – Frutos em crescimento (2º estado), nesta fase do ciclo vegetativo não se observam sintomas de doenças ou pragas nos olivais.



- Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa (**zonas de interior**) foi com alguma intensidade e frequência que se efetuaram tratamentos fitossanitários este ano, dada a instabilidade do tempo, utilizando-se principalmente sistémicos para curar mildio e oídio na vinha, pomóideas e prunóideas. Algumas zonas sofreram ataques de mildio que foi necessário tratar com mais intensidade.

Relativamente aos factores abióticos, as condições climatéricas verificadas durante o mês permitiram que os agricultores efectuassem os tratamentos preventivos/curativos ou conjunto de medidas culturais aconselhadas, para as diferentes culturas. No Pinhal Litoral (**zonas do litoral**) mantém-se o risco de escaldão nos frutos.

Não se registaram outros prejuízos para além do normal nas culturas, destacando-se o caso, sobretudo no Pinhal (**zona de transição**), onde continuam os ataques de espécies cinegéticas. Na zona homogénea do Pinhal Sul (**zona de transição**) verifica-se que as amendoeiras, apresentam poucas amêndoas visíveis, mas com buracos, picadas por pegas rabudas.

- No Baixo Mondego (**zona do litoral**), na cultura do milho, verificaram-se ataques do vírus do nanismo e de algum alfinete. Na cultura do arroz, surgiu a presença de infestantes (milhã). Nas vinhas não tratadas verificou-se muita infestação de mildio de difícil controlo.
- No Pinhal (**zona de transição**), na vinha já terminaram os tratamentos fitossanitários. Após uma primavera muito exigente, com vários ataques ao nível de doenças – sobretudo

de mildio – nesta fase a preocupação centrou-se também no oídio. A informação transmitida pelos viticultores é que os cachos estão de modo geral são (ainda assim alguns viticultores tiveram perdas mais significativas devido a mildio, conforme reportado em anteriores relatórios). A cultura da batata foi muito afectada pelo mildio, tendo exigido vários tratamentos fitossanitários e refletindo-se nas baixas produções obtidas até ao momento. No olival, onde grande parte das árvores são da variedade galega, nem todos os agricultores procedem a tratamentos fitossanitários, o que contribui muito para a disseminação do olho-de-pavão e a cercosporiose, sobretudo em olivais antigos. É visível na maioria destes olivais, ramos que sofreram uma desfoliação total, não apresentando qualquer produção. Ainda assim, no presente mês as altas temperaturas condicionaram de alguma forma o desenvolvimento de doenças ou a propagação de pragas. A gafa ainda não se manifestou e a percentagem de frutos picados pela mosca ainda não é significativo.

- Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões (**zona de transição**), na vinha foram verificadas zonas com mildio e oídio, assim como, já foi detectada a presença da cigarrinha-da-Flavescência-Dourada. O desavinho também foi verificado em alguns locais. Nas pomóideas, os pomares de maçãs encontram-se na fase fenológica de crescimento e formação de frutos. Foi verificado o início do voo da 2ª geração do bichado-da-fruta, assim como, um forte ataque de aranha-vermelha em alguns pomares da região, a 2ª geração de cochonilha de S. José. Reporta-se ainda “pedrado”



resultante de muita precipitação e humidade nos solos ocorrida até ao final de maio.

- No Pinhal Sul (**zona de transição**), a doença que mais se manifestou foi o pedrado nas macieiras e pereiras, causado por grande quantidade de precipitação que ocorreu durante todo o mês de março, alguma precipitação em abril e novamente grande quantidade de precipitação na primeira semana de maio, que causou infecções secundárias. No mês de julho iniciou-se o voo da 2ª geração de bichado nas pomóideas, os fruticultores continuam a renovar os tratamentos, com produtos de acção larvicida. Os olivais estão no estado I1 - Frutos em crescimento (2º estado), nesta fase do ciclo vegetativo não se observam sintomas de doenças ou pragas nos olivais.
- Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa (**zonas de interior**) foi com alguma intensidade e frequência que se efetuaram tratamentos fitossanitários este ano, dada a instabilidade do tempo, utilizando-se principalmente sistémicos para curar míldio e oídio na vinha, pomóideas e prunóideas. Algumas zonas sofreram ataques de míldio que foi necessário tratar com mais intensidade.

Relativamente aos factores abióticos, as condições climáticas verificadas durante o mês permitiram que os agricultores efectuassem os tratamentos preventivos/curativos ou conjunto de medidas culturais aconselhadas, para as diferentes culturas. No Pinhal Litoral (**zonas do litoral**) mantém-se o risco de escaldão nos frutos.

Não se registaram outros prejuízos para além do normal nas culturas, destacando-se o caso, sobretudo no Pinhal (**zona de transição**), onde continuam os ataques de espécies cinegéticas. Na zona homogénea do Pinhal Sul (**zona de transição**) verifica-se que as amendoeiras, apresentam poucas amêndoas visíveis, mas com buracos, picadas por pegas rabudas.

3 – Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a escassa pluviosidade registada neste mês, associada a temperaturas médias altas e/ou amenas, influenciou o estado das pastagens de sequeiro, assim como dos prados e pastagens permanentes espontâneas onde já se sente algum stress hídrico em parcelas arenosas ou em cotas mais altas. A colheita das culturas forrageiras de outono-inverno está terminada, com produções, tanto em qualidade como em quantidade, idênticas às do ano anterior. A sementeira do milho forrageiro está terminada, prevendo-se uma área próxima à do ano anterior, apresentando uma germinação boa e homogénea. Na alimentação das espécies pecuárias, recorre-se em grande parte, ao pastoreio direto para a sua alimentação, complementada com fenos e palhas (cerca de menos 20% que em igual período do ano anterior), assim como, a mesma redução no recurso a silagens e rações.

No Baixo Mondego, as pastagens, prados e forragens anuais apresentam bom desenvolvimento vegetativo, mas com algum stress hídrico normal nesta época do ano. Decorrem as fenações. A alimentação animal continua a ter como base a matéria verde proveniente das culturas forrageiras, fenos, silagem de milho e adequados arraçoamentos. Alguns animais beneficiam do pastoreio directo. O abeberamento dos animais não apresenta qualquer limitação.

No Pinhal Litoral, as pastagens e culturas forrageiras beneficiaram das condições meteorológicas da

primavera, disponibilizando matéria verde em abundância para pastoreio e corte. As culturas forrageiras estão colhidas com aumentos de produtividade nas leguminosas, no azevém e nas consociações forrageiras. As disponibilidades alimentares do pastoreio directo e de alimentos conservados tiveram impacto positivo nas explorações pecuárias.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, as forragens já estão cortadas e enfardadas, sendo já muito raro ver alguma seara com palha encordoada a aguardar enfardamento. O agricultor não ficou desagradado com as quantidades, que se podem equiparar ao ano anterior (ainda que este ano não se tenha produzido feno-silagem), no entanto, a qualidade não foi a desejada. O ciclo anual das culturas forrageiras iniciou-se com algumas dificuldades, desde a impossibilidade em preparar os terrenos até a germinações fracas devido ao excesso de água nos solos. As temperaturas tendencialmente mais baixas, muita nebulosidade e a permanente chuva dos primeiros meses do ano, também condicionaram o desenvolvimento vegetativo nessa fase, impossibilitando um primeiro corte para feno-silagem. Finalmente com a primavera já em curso, com temperaturas mais amenas, humidade nos solos e períodos mais distribuídos de precipitação, dias mais longos e mais horas de insolação, as culturas recuperaram bem e a nível de quantidade de produção de matéria verde, o ano acabou por ser satisfatório. Contudo, a impossibilidade de entrar com a maquinaria nos terrenos, no período desejável – ainda fruto da quantidade de água nos solos – e os picos de calor que aceleraram o espigamento, fizeram com que o feno não tivesse a qualidade pretendida. Não havendo condições para um segundo corte, os terrenos estão nesta fase em pousio ou dedicados a algum pastoreio, sobretudo nas pastagens espontâneas ou em regime plurianual de sequeiro, embora o calor extremo e a redução de humidade nos solos, tenham condicionado a produção de matéria verde.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as culturas pratenses e forrageiras apresentaram boas produções, estando já armazenados. O pastoreio continua a fazer-se embora com bastantes limitações, porque os pastos estão fenecidos e já bastante rapados, e o consumo de feno e de rações industriais é o normal para este período do ano.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais apresentam um desenvolvimento vegetativo normal para a época. Com as temperaturas elevadas e falta de precipitação, as pastagens de sequeiro diminuíram o seu desenvolvimento vegetativo, no entanto, não comprometeu a alimentação dos animais em regime extensivo. As forragens anuais, como o azevém e consociações, que foram regadas, mantêm crescimento razoável, no entanto, as temperaturas elevadas prejudicaram a produção de vários cortes. Os prados de regadio têm beneficiado de alguma disponibilidade de água, mas as temperaturas elevadas estão a reduzir o desenvolvimento vegetal. A produtividade ainda é razoavelmente adequada, mas em comparação com o mesmo período do ano anterior, verifica-se uma ligeira redução na disponibilidade de forragem verde.





No Pinhal Sul, os fenos já estão enfardados e guardados, obtiveram-se produções muito superiores às de 2024, cerca de 50% a mais, mas os últimos fenos a serem cortados apresentam baixa qualidade, porque choveu na altura em que estavam a ferrar. A quantidade de fenos obtida é suficiente para a alimentação animal. No milho forrageiro, já se iniciou o corte encontrando-se algum a secar, para ser guardado. A produção de forragens em verde e os fenos contribuíram para uma melhoria qualitativa e quantitativa da alimentação dos efectivos pecuários. Os agricultores só investiram em rações para os animais que se encontram em gestação, como suplemento alimentar.

Nas **zonas do interior**, quer em Ribã Cõa quer em Cimo Cõa, estas culturas no geral, apresentam um bom aspecto vegetativo, principalmente as pastagens de sequeiro e as permanentes pobres. Algumas começam a apresentar algum stress hídrico devido ao excesso de calor e falta de água. Não existem grandes problemas para alimentação dos efectivos, quase não recorrendo a palhas e forragens compradas. As rações apenas são utilizadas em animais de engorda, e para a produção de leite.

Nas zonas homogêneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, as culturas forrageiras e pratenses semeadas, assim como, as pastagens permanentes espontâneas, tiveram um bom desenvolvimento ao longo do seu ciclo vegetativo em ambas as zonas homogêneas, nos meses anteriores. No entanto, a mudança brusca das condições climáticas, com a ocorrência de picos de temperatura muito elevados, associados à quase ausência total de precipitação, deram origem à secagem das culturas pratenses semeadas e das pastagens permanentes espontâneas de sequeiro. Por seu lado, o atraso dos ciclos vegetativos das culturas forrageiras de outono-inverno, associado ao facto dos solos não permitirem a sua mobilização por excesso de água, atrasaram a instalação das culturas primavero-estivais, cuja germinação das realizadas principalmente em sequeiro, foi deficiente, assim como, o seu posterior desenvolvimento. O milho forrageiro de sequeiro e regadio, o sorgo e a erva do sudão de regadio encontram-se todos semeados em ambas as zonas homogêneas. Este mês houve um maior recurso a alimentos conservados ou rações, de um modo geral, estimando-se mesmo assim em cerca de 10% inferior a igual período do ano transacto. Continua-se a recorrer em grande parte, ao pastoreio directo para a sua alimentação, nomeadamente o pastoreio dos restolhos das culturas cerealíferas ou forrageiras de corte, complementada com fenos e palhas, reservando-se o recurso a rações e outros alimentos conservados, mais para animais com vocação produtiva de leite ou animais de engorda.

Na Campina e Campo Albigastrense, as pastagens de sequeiro da produção outono-inverno estão secas, mas são ainda largamente pastoreadas, dada a elevada produção registada. As culturas forrageiras de primavera-verão estão com bom aspecto vegetativo e nalguns casos já estão a ser dadas aos animais.

4-e - Cereais praganosos de Outono-Inverno: produção quanto aos aspectos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, prevê-se que a colheita destas culturas se inicie no próximo mês e a produção quer em termos de quantidade, rendimento e qualidade seja similar ao ano anterior.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, iniciaram-se as colheitas dos cereais praganosos de outono-inverno, com boa qualidade e quantidade, muito semelhantes ao ano passado.

No Pinhal Litoral, depois da colheita verificou-se que a produtividade dos cereais de outono/inverno teve um comportamento distinto consoante a espécie. No caso do trigo foi inferior à da campanha passada, o triticales foi semelhante e nas restantes espécies a produtividade foi superior. Em termos de qualidade foi inferior ao ano transacto.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a persistência de ataques de espécies cinegéticas reflecte-se na diminuição de áreas semeadas e consequente diminuição da produção, afectando naturalmente a manutenção das culturas cerealíferas nesta zona.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as culturas cerealíferas colhidas, apresentam melhores produções que o ano anterior.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, apesar de tempo inconstante, as culturas apresentaram boa germinação. A chuva até tarde, permitiu mais humidade no solo, que com a subida das temperaturas, permitiu uma aceleração e recuperação no ciclo das culturas que estavam em atraso. Em alguns locais já foram colhidos e

estão a ser malhados, onde houve mais atraso, só agora estão a ser colhidos. A produtividade média dos cereais, trigo, centeio e cevada, é idêntica face ao ano anterior, quanto ao triticales e aveia há uma ligeira diminuição, no primeiro caso, devido à redução (-10%) da área semeada. A aveia, apesar de ser mais resistente à seca, o calor no final do ciclo prejudicou ligeiramente o enchimento. Os agricultores estão a usar a aveia, principalmente, para as forragens.

No Pinhal Sul, os cereais de pragna beneficiaram das condições climáticas durante o ciclo vegetativo que permitiu que nas fases de alongamento, espigamento e maturação tivessem um desenvolvimento normal, obtendo-se produções idênticas à do ano transacto (com excepção da aveia com produção ligeiramente superior).

Nas **zonas do interior**, quer em Ribã Cõa quer em Cimo Cõa, de momento ainda não se iniciaram as colheitas destas culturas, porém, estima-se que a produção das mesmas em termos de quantidade e qualidade seja idêntica ano anterior.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, estas culturas estão no início da colheita na no primeiro caso e a meio da sua colheita no segundo caso. Estimam-se produtividades semelhantes às registadas no ano anterior (caso do trigo e cevada) e produtividades superiores (caso do triticales, centeio e aveia), e semente com qualidade.

Na Campina e Campo Albicastrense, a colheita dos cereais de outono-inverno continua. No geral, a produção está dentro dos valores normais, havendo, contudo, alguma incerteza quanto aos rendimentos de algumas culturas, sobretudo nas zonas de baixa, devido à presença significativa de infestantes decorrente da elevada precipitação do período outono-invernal.





5-g – Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares, de pomóideas, prunóideas, citrinos, kiwis, frutos secos e olivais: estado vegetativo, produção quanto aos aspectos de qualidade e quantidade.

A seguir descrevem-se os aspetos mais relevantes para as diferentes culturas arbóreas e arbustivas.

• **Pomares de Castanheiros e outros frutos secos**

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, no que toca à cultura do castanheiro, não foi reportado impacto pelo calor extremo. As árvores apresentam em geral bom desenvolvimento vegetativo, já com o fruto vingado. Nos próximos meses, vários factores influenciarão a quantidade e qualidade do fruto, mas, de momento a maioria dos agricultores está optimista. Observam-se poucas galhas, sinal que a praga da vespa-do-castanheiro parece estar controlada. No nogueiral, mantém-se o bom estado vegetativo das árvores. Os poucos agricultores com alguma expressão, optam por podas com alguma regularidade, não permitindo um crescimento demasiado alto das árvores, indicando que este factor permite uma maior capacidade de resposta da árvore quando em condições de stress hídrico ou térmico (a noqueira é particularmente sensível a estes factores abióticos). Relativamente à quantidade de fruto na variedade Lara (a mais comum na zona) é expectável maior produção que no ano anterior. Alguns agricultores já efectuaram tratamentos neste ciclo cultural e para já não há indicação de problemas fitossanitários a referir.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os castanheiros encontram-se no estado fenológico I - inchamento; e as amendoeiras encontram-se no estado fenológico I - frutos em crescimento / maturação.

No Pinhal Sul, os castanheiros encontram-se no estado "Fa" (Aparecimento dos estames), com muitos ouriços visíveis estimando-se uma boa produção. Não são visíveis sintomas de doenças ou pragas. A pouca quantidade de amêndoa que vingou foi destruída por pegas azuis estimando-se uma quebra na produção em cerca de 90%.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, na amêndoa as colheitas iniciaram-se no próximo mês, esperando-se produção superior ao ano anterior.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, os pomares de aveleira, que já vão tendo expressão na Cova da Beira, apresentam bom desenvolvimento e uma produção normal, proporcional à sua idade. As amendoeiras, mais presentes na Cova da Beira, apresentaram problemas com o vingamento do fruto e problemas principalmente fúngicos ao longo da campanha, prevendo-se uma quebra de produtividade, em termos gerais, na ordem dos 30%, em relação ao ano transacto.

• **Pomares de Kiwis**

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a produção do kiwi aumentou relativamente ao último ano, resultado de maior incidência de baixas temperaturas, no entanto, surgiram casos de Botrytis e PSA que influenciaram negativamente a qualidade do fruto, resultado de elevada humidade

no solo.

No Pinhal Litoral, as plantas apresentam stress hídrico, apesar da rega, devido às altas temperaturas que se fazem sentir, o que está a condicionar o desenvolvimento dos frutos.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os kiwis encontram-se no estado fenológico M - fruto em crescimento.

No Pinhal Sul, os kiwis poderão ter uma perda de produção, de 80%, em relação a 2024, devido a episódio de queda de granizo na 2ª semana de maio, que levou à destruição de 90% da produção, num pomar de kiwis no Pampilhal em Cernache do Bonjardim.

• **Pomares de Pequenos Frutos (mirtilo, ...)**

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os mirtilos encontram-se colhidos.

Nas zonas do interior, na Serra da Estrela e na Cova da Beira, estimam-se produtividades superiores às de 2024, com boa qualidade em ambas as zonas homogéneas. A colheita já terminou na Cova da Beira e está na fase final na Serra da Estrela. Apesar da qualidade ser boa, o fruto é de menor calibre. Nas últimas semanas, a qualidade do fruto baixou devido ao calor intenso que provocou um

amadurecimento rápido, não permitindo o seu crescimento normal.

• **Pomares de Prunóideas**

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, quer os pessegueiros quer as ameixeiras encontram-se no estado fenológico I - frutos em crescimento / maturação, as cerejeiras encontram-se colhidas.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, o pêsego encontra-se na fase da maturação/colheita, prevendo-se uma produtividade idêntica ao ano anterior.

No Pinhal Sul, nos pessegueiros verificou-se uma quebra de 60% em relação a 2024, devido à falta de vingamento causada pela chuva e ataque de lepra.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, a colheita da cereja terminou, com produção inferior a um ano normal e ligeiramente superior ao ano anterior e com boa qualidade. No pêsego a produção é inferior ao ano normal e ao ano anterior.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, os pessegueiros, nectarinas, ameixas e alperces, encontram-se na fase de maturação e colheita. Existem quebras de produtividade em ambas as espécies e nas duas zonas homogéneas, sendo que dentro de cada uma delas, há variedades com quebras mais expressivas que outras. Assim, prevê-se uma quebra geral de produtividade relativamente a 2024, nos pêsegos e nectarinas de cerca de 25%, na Serra da Estrela e, de cerca de 40% na Cova da Beira. Conforme já referido no relatório anterior, o mesmo aconteceu com as ameixas e os alperces. No entanto, principalmente nas ameixas, a quebra verificada no vingamento e na viabilidade do número de frutos, foi em parte compensada pelo calibre dos frutos viáveis, muito superior ao normal. Deste modo, considera-se uma quebra efectiva de produtividade de cerca de 40% para a ameixa e de 50% para o alperce, em referência ao ano anterior, na Cova da Beira, onde a cultura é expressiva. A campanha da cereja terminou. De um modo geral decorreu bem, com a produção de frutos de bom calibre e boa qualidade. Conforme já referido no relatório anterior, estima-se em termos gerais, produtividades superiores em cerca de 20% face à campanha anterior no



caso da Cova da Beira e 10% a mais na Serra da Estrela.

• Pomares de Pomóideas

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, prevê-se uma produção idêntica ao do ano passado na pera, mas abaixo do potencial produtivo para a região. O fogo bacteriano e a estenfiliose são doenças que continuam a aumentar o seu impacto na produtividade. Quanto à maçã, prevê-se uma produção idêntica à campanha do ano anterior. Nas variedades Gala, Golden e Fuji, tal como na pera, o fogo bacteriano apresenta-se sem controlo. Há a referir que a variedade Fuji apresenta nesta região uma quantidade significativa de novos pomares, cuja produção irá permitir a manutenção da quantidade de maçã Fuji produzida nesta zona homogénea.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as macieiras, as pereiras e os marmeleiros, encontram-se no estado fenológico J – frutos em desenvolvimento.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, estes pomares encontram-se no estado fenológico de frutos em crescimento. No geral, nas macieiras, prevê-se uma quebra de produtividade em cerca de 20%, devido ao “pedrado”, apesar de também se ter verificado em alguns locais, mas em escala reduzida, o “escaldão”, contudo, prevê-se uma ligeira melhoria no calibre; quanto às pereiras, a produtividade será idêntica à do ano anterior.

No Pinhal Sul, as macieiras e pereiras, estão na fase na fase de crescimento dos frutos. Constatando-se uma redução na produção de maçã e pera, devido a deficiente vingamento, provocado pela

chuva que caiu na altura da floração e por forte ataque de pedrado.

Nas **zonas do interior**, quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, as macieiras e pereiras encontram-se na fase de desenvolvimento do fruto, em ambas as zonas homogéneas. Espera-se uma produtividade das macieiras muito idêntica à do ano anterior, enquanto que nas pereiras temos um acréscimo de produtividade nas Rocha que são as dominantes, de cerca de 30%, relativamente a 2024 na Serra da Estrela, enquanto se estima uma quebra em termos gerais de 25% na Cova da Beira. A qualidade da fruta poderá ser inferior, uma vez que existe algum pedrado em certos pomares, assim como escaldão.

Na Campina e Campo Albicastrense, as pomóideas também têm menos produção comparativamente ao ano anterior.

• Olival

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, os olivais encontram-se no estado fenológico H – vingamento dos frutos.

No Pinhal Litoral, o olival apresenta-se no estado fenológico de endurecimento do endocarpo. Verificou-se em zonas mais secas e com menores reservas hídricas uma maior queda de folhas mais velhas. Em alguns locais, a produção deverá ser fraca, tal como a do ano passado.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a cultura encontra-se na fase de fruto em crescimento 2º estado – endurecimento do endocarpo. O ciclo cultural tem sido afectado pelo stress térmico (e pelo stress hídrico em olivais mais jovens com raizame ainda pouco desenvolvido). Os picos de



calor que assolam a zona desde maio provocaram alguma queda de fruto, sobretudo quando coincidiram com a fase de vingamento e alimpa. No fim do mês, com nova vaga de calor extremo associada a carência hídrica de alguns solos, já se verificaram árvores com parte dos frutos engelhados ou secos. Com o prolongamento da vaga de calor para o mês seguinte, deve ser reavaliado o impacto deste factor. Ainda assim, a quantidade e qualidade de fruto gera algum optimismo nos olivicultores, sendo superior ao ano passado e não havendo ainda muito fruto picado. Ao contrário do ano passado em que se observava grande heterogeneidade de carga em árvores próximas, este ano a quantidade de fruto parece ser mais equilibrada entre árvores. Alguns agricultores fizeram aplicação de adubo foliar, assim como tratamento fitossanitário para a mosca-da-azeitona e gafa.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os olivais encontram-se no estado fenológico I- frutos em crescimento.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, o fruto encontra-se no estado vegetativo - crescimento do fruto. Prevê-se uma campanha de azeite melhor, com aumento de produtividade em relação ao ano anterior.

No Pinhal Sul, os olivais estão no estado fenológico, I1 - frutos em crescimento (2º estado) - frutos mais desenvolvidos, atingindo 8 a 10 mm de comprimento; início do endurecimento do endocarpo. A cultivar galega teve um bom vingamento prevendo-se que seja um ano de boa produção de azeitona, superior em 25 %, em relação a 2024.

Nas **zonas do interior**, na generalidade, o olival apresenta um bom vingamento de fruto na Cova da Beira assim como, a variedade galega na Serra da Estrela. No entanto, as altas temperaturas que se têm feito sentir e os ataques de traça em olivais não tratados, têm provocado queda de frutos. Prevê-se uma quebra de produtividade de cerca de 20%, face ao ano anterior.

Na Campina e Campo Albicastrense, no olival, apesar de ainda ser prematuro para avaliar a produção final, presentemente há muita azeitona em fase de desenvolvimento.

• Vinha

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a vinha na Região Vitivinícola da Bairrada, apresenta bom desenvolvimento vegetativo encontrando-se no início do estado fenológico - fase do pintor. Durante a primavera ocorreram ataques de mildio, com grande incidência em castas mais precoces e vigorosas, resultado de elevada humidade no solo e temperaturas amenas em simultâneo (informação fornecida pelos nossos colaboradores, totalmente contraditórios aos avisos feitos pela SNAA para a zona da Bairrada). Esta ocorrência, em simultâneo com uma menor floração/nascença durante fevereiro e março afetou o desenvolvimento da vinha, com alguma gravidade na casta Bical e Touriga, prevendo-se uma quebra na produção na ordem dos 15%, em relação ao ano passado. A qualidade é boa, semelhante à da campanha anterior, no entanto, tem surgido alguns casos de oídio em vinhas sujeitas a condições propícias ao desenvolvimento do fungo (temperaturas amenas, humidade matinal e pouco arejamento dos cachos e folhas), reduzindo assim o potencial produtivo da vinha e qualidades dos vinhos. As



condições climáticas até à vindima, especialmente o risco de escaldão, ainda serão determinantes para a quantidade e qualidade da colheita.

No Baixo Mondego, as vinhas encontram-se no estado fenológico M – pintor. Nas vinhas tratadas, as videiras estão verdejantes e as uvas estão bem desenvolvidas, prevendo-se uma boa produção. As vinhas não tratadas, apresentam-se muito atacadas pelo míldio, podendo levar à perda de grande parte da sua produção.

No Pinhal Litoral, prevê-se uma produção idêntica à do ano passado. Os ataques de míldio em algumas vinhas devido a manhãs de nevoeiro foram contidos com o aumento do calor.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a vinha encontra-se no estado fenológico do pintor. Tal como no anterior mês, também este esteve sujeito a temperaturas altas, tendo sido uma preocupação o risco de escaldão nos cachos mais expostos. Além da aplicação de caulino, como tem sido sugerido aos viticultores, o cuidado na desponta e desfolha, foi fundamental a evitar perdas na produção. A nível de carga, há perspectivas de boa produção, superior ao ano anterior, não propriamente por haver mais cachos vingados, mas essencialmente por se estimarem muito menos perdas por questões fitossanitárias. Ainda assim, houve viticultores que não conseguiram evitar perdas devido a míldio. Perspectiva-se a vindima a partir de meados de setembro, conforme as condições climatéricas. De referir alguns ataques por parte de javalis com os consequentes prejuízos e estragos, agora que os cachos vão amadurecendo.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, a vinha encontra-se no estado fenológico L – cacho fechado.

No Alto e Baixo Dão-Lafões as vinhas apresentam bom estado vegetativo, encontrando-se no estado fenológico – pintor. A chuva ocorrida nos primeiros meses foi favorável ao crescimento e desenvolvimento das plantas, no entanto, o excesso de humidade e posteriormente as temperaturas elevadas, provocaram o ataque do míldio e oídio. As previsões para a campanha de 2025/2026 é de aumento de produção de cerca de 15%. Em relação à qualidade, prevê-se que seja boa, mas depende das condições climatéricas, nomeadamente durante o mês de agosto, que se ocorrer picos de temperaturas elevadas, vai prejudicar a uva e consequentemente a qualidade.

No Pinhal Sul, algumas vinhas mais adiantadas, estão no início do estado fenológico “M” (pintor). É mais visível nesta fase, o ataque de míldio nos cachos visto que já foi realizada a despampa nas vinhas. Estima-se que a produção, de uva para vinho, seja superior em 190% em relação a 2024. Nas vinhas de uva de mesa, estima-se uma produção inferior á de 2024, provocada pelo ataque de míldio, falta de nutrientes e rega deficiente nas vinhas de uva de mesa, estima-se uma perda de 50% em relação a 2024. As vinhas na zona circundante de Cernache do Bonjardim, foram afectadas por granizo, estimando-se nesta zona uma perda de produção de 80% em relação a 2024.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, as vinhas para uva/vinho encontram-se com bom aspecto vegetativo, esperando-se produtividade superior ao ano anterior. Algumas delas já estão no pintor. A vinha para uva de mesa tem quantidade normal, contudo, a qualidade está algo comprometida

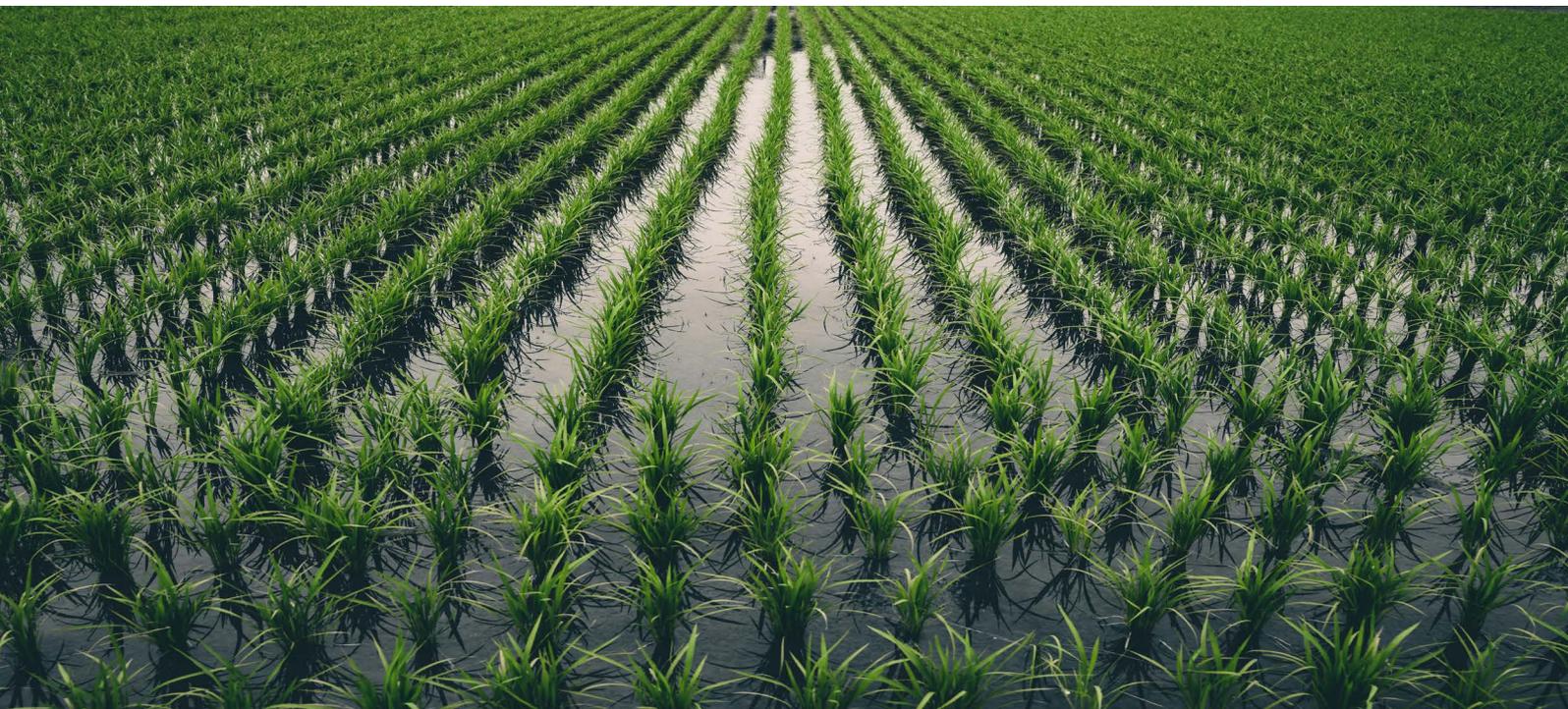


devido a alguns ataques de míldio (entretanto controlados) em meses anteriores, o que provavelmente irá reduzir a produção comercializável.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, as vinhas sofreram grandes ataques de míldio nos meses anteriores, com consequências graves em vinhas não tratadas ou onde os tratamentos efectuados não foram oportunos. Assim, prevê-se em termos gerais, uma diminuição da produtividade em cerca de 15%, face ao ano anterior, em ambas as zonas homogéneas.

- **Outros pomares**

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a cultura do medronho, mesmo sendo resiliente e bem-adaptada a condições extremas, está a ressentir-se com as altas temperaturas (nas plantas espontâneas e medronhais de sequeiro, em regadio o comportamento é naturalmente distinto). Este mês foi praticamente de estagnação quanto ao desenvolvimento do fruto, criando dúvidas naquela que era a perspectiva de maior produção relativamente ao ano anterior. Parte do fruto, além de ter a sua superfície escurecida - provavelmente devido ao longo período de chuva primaveril - apresenta baixo calibre. A assimetria no tamanho e desenvolvimento do fruto obrigará a colheita prolongada, situação comum nesta cultura.



6—d – Estado vegetativo das culturas arvenses de sequeiro e regadio, nomeadamente: milho, arroz, grão-de-bico, feijão, tomate (para indústria) e girassol; disponibilidade de água para rega.

- **Arroz**

Nas **zonas do litoral**, de um modo geral, a cultura do arroz tem beneficiado com as condições meteorológicas e apresenta-se com boa germinação e com bom desenvolvimento vegetativo, apesar da presença de infestantes.

No Pinhal litoral o arroz apresenta diferentes estados fenológicos, e atraso de 2 a 3 semanas.

- **Feijão, grão-de-bico, outras**

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, o feijão apresenta-se com um bom e uniforme desenvolvimento

vegetativo, prevendo-se uma produção semelhante à da campanha anterior.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a cultura do chícharo, leguminosa com alguma expressão na zona, teve também uma sementeira tardia. A soma a este facto, o spico de calor e a ausência de precipitação, condicionaram o desenvolvimento da cultura, estando a planta muito aquém do que seria expectável. Já se iniciou a colheita da leguminosa, que será manual pela pouca quantidade de produção. Terrenos houve em que o agricultor descartou mesmo a colheita, por não ter havido desenvolvimento da planta.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, estas culturas mantêm um aspecto vigoroso. A produtividade do feijão estima-se idêntica ao ano anterior em ambas as zonas e, a do grão estima-se superior na Beira Serra e igual no Alto Mondego em relação ao ano anterior.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, quanto ao feijão, está em fase de formação de grãos e apresenta um desenvolvimento vegetativo normal, nomeadamente, onde ocorre regadio. Embora a área semeada seja idêntica à do ano passado, tende a diminuir, pela faixa etária envelhecida e a destruição da cultura pelos javalis.

No Pinhal Sul, o feijão e o grão de bico apresentam um desenvolvimento normal, conjuntamente com algumas infestantes.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Alcastrense, o desenvolvimento do grão-de-

bico está normal, embora apresente algumas infestantes. O feijão, essencialmente feijão frade germinou bem, apresentando bom aspecto vegetativo.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, a sementeira do feijão, essencialmente constituída por feijão frade na sua maioria em regime de sequeiro, terminou em ambas as zonas homogéneas. É uma cultura que requer uma preparação muito atempada da terra com várias mobilizações (abafamentos), de forma a manter a humidade e consequente favorecimento da germinação e desenvolvimento da cultura, quando efectuada em sequeiro. Este ano, essa preparação atrasou-se dado o tempo chuvoso e as altas temperaturas verificadas ao longo do mês de junho e de julho, com as consequentes restrições à utilização de máquinas agrícolas, nomeadamente a mobilização de solos, que poderá ter posto em causa a sua conveniente preparação. As germinações são muito heterogéneas.

Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, tendo recuperado do atraso que sofreram devido ao estado de tempo verificado, as sementeiras de feijão e grão decorreram normalmente e apresentam boa germinação e bom desenvolvimento vegetativo.

• Milho

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, a cultura do milho apresenta-se com bom desenvolvimento vegetativo estando na fase de espigamento. Algumas searas apresentam-se atacadas pelo



vírus do nanismo tendo-se verificado a paragem do crescimento de algumas plantas. Esta situação pode levar a algumas perdas de produção.

Na zona homogénea do Baixo Vouga mantém-se a área semeada em relação ao ano transacto, apresentando-se com um bom e uniforme desenvolvimento vegetativo e prevendo-se uma produção semelhante à da campanha anterior.

No Pinhal Litoral, as searas apresentam diferentes estados fenológicos devido ao facto das sementeiras se terem prolongado no tempo. As sementeiras tardias obrigaram a rega para que houvesse germinação, acarretando aumento de custos de produção. Há agricultores que á semelhança de campanhas anteriores, já registaram prejuízos provocados pelos javalis. O milho de sequeiro apresenta-se muito fraco e com perspectivas de fracas produções.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, o estado fenológico da cultura do milho encontra-se na fase reprodutiva, nalguns casos já pronto para colheita, noutros ainda a caminho da maturidade fisiológica. Esta variação justifica-se pela diferença na data de sementeira e pelo local onde se encontra o milheiral. A cultura viu a sua sementeira ser muito tardia devido ao excesso de água nos solos durante a primavera. Além de temperaturas relativamente baixas no início do ciclo, a ausência de precipitação na fase mais adiantada do ciclo cultural e o calor extremo, acentuaram o fraco desenvolvimento vegetativo.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, as áreas de milho diminuíram. Encontra-se na fase de joelheiro/início da floração, e, não havendo dificuldade em água para rega, poderá vir a ter boa produtividade.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, as áreas de sementeira do milho (sequeiro e regadio) foram idênticas às do ano anterior. A sementeira do milho de regadio atrasou devido à saturação de água nos solos. O calor causou um défice no nascimento, pelo que se verifica uma ligeira diminuição de produtividade no milho regional de sequeiro, de cerca de 5% face ao ano anterior.

No Pinhal Sul, o milho grão (em regadio) está na fase Vt - pendolamento / (aparecimento da bandeira).

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, o milho apresenta bom estado vegetativo, o mais adiantado já tem bandeira. Há redução da área do milho híbrido, devido ao preço de venda baixo, que não cobre os custos com a cultura.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, o milho híbrido para grão apresenta bom desenvolvimento, encontrando-se a sua maioria no estado de "bandeira". Nas áreas semeadas de sequeiro, a germinação é mais heterogénea, devido às altas temperaturas verificadas, nomeadamente nas terras mais altas, onde os teores e humidade do solo são menores. Prevê-se que as áreas se mantenham sem alterações.

Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, tendo recuperado do atraso que sofreram devido ao estado de tempo verificado, as sementeiras de milho decorreram normalmente e apresentam boa germinação e bom desenvolvimento vegetativo. As áreas são idênticas ao ano anterior.

• Tomate para indústria

Nas **zonas do litoral**, e na única zona homogénea produtora - Pinhal Litoral, com os problemas verificados (a falta de condições de plantação e já com as plântulas encomendadas) houve necessidade de proceder à poda destas, desconhecendo-se o impacto na produtividade. Houve uma diminuição de 20% da área plantada/abandono da cultura, relativamente ao ano passado.

• Disponibilidade de água

De um modo geral, nas três zonas (**litoral, transição e interior**) ainda não se verificou falta de água para rega e abeberamento dos animais, apesar dos níveis freáticos estarem a diminuir face às elevadas temperaturas verificadas e ausência de precipitação nos últimos meses



9-c – Batata: estado vegetativo da cultura de regadio, andamento das colheitas da cultura de sequeiro; rendimento e qualidade dos produtos.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, o estado vegetativo da batata de sequeiro está com um bom desenvolvimento, com boa distribuição e crescimento uniforme, não se tendo registado variações nas áreas semeadas. A colheita deverá prolongar-se para o mês de agosto.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, as colheitas de batata de sequeiro estão concluídas, com baixo calibre e menores produções em relação ao ano passado. A batata de regadio encontra-se na fase final do seu desenvolvimento, tendo-se iniciado já as primeiras colheitas. A batata apresenta baixo calibre e baixa qualidade e prevê-se uma quebra na produção em relação ao ano passado.

No Pinhal Litoral, a cultura da batata foi prejudicada pelo excesso de água no solo, com falhas de germinação, atrasos na emergência e em alguns casos asfixia radicular. O aumento das temperaturas e a presença de humidade, provocou forte ataque de mildio. As sementeiras mais tardias apresentam um melhor desenvolvimento vegetativo. Prevê-se uma produção de batata fraca tal como a do ano passado. Os produtores que já colheram a batata referem que esta tem calibres mais baixos que no ano passado.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a cultura da batata não fugiu ao que se tem sucedido com outras culturas de sequeiro, indicando os agricultores que a colheita tem sido inferior ao normal, com poucos tubérculos por planta e pouco desenvolvidos. As dificuldades do ciclo começaram na plantação devido ao excesso de humidade nos solos – nalguns casos as condições meteorológicas obrigaram mesmo à replantação. A presença de mildio e a dificuldade em controlar a doença durante o desenvolvimento vegetativo, condicionou igualmente o bom desenvolvimento da cultura. Os picos de calor que atingiram a zona podem também ter interferido com os calibres da batata, ao criarem compactação do solo e limitando o crescimento do tubérculo. De referir que mesmo tendo sido difícil preparar os terrenos, não houve diminuição das áreas, visto ser uma cultura tradicional na zona e habitualmente com boas produções. Ainda assim, a presença do javali neste território condiciona por completo a pretensão dos agricultores em aumentar as áreas da cultura.

Nas zonas homogéneas do Alto Mondego e da Beira Serra, a batata de sequeiro está colhida e apresentou boas produtividades, sem defeitos e com calibres medianos. A de regadio está na fase de maturação, esperando-se igualmente boa produtividade. As áreas mantiveram-se semelhantes ao ano anterior.

No Alto Dão-Lafões e no Baixo Dão-Lafões, a área de plantação da batata de regadio foi superior em

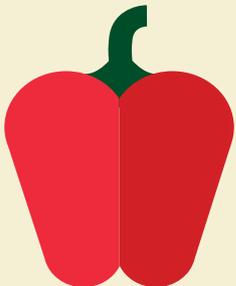
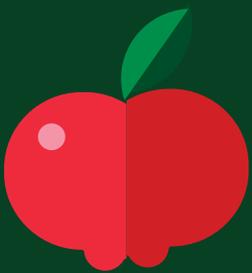
10% face ao ano anterior, enquanto que a batata de sequeiro foi igual. As condições meteorológicas afetaram as batatas de sequeiro, apresentando calibre ligeiramente inferior ao habitual. Em relação à produtividade, foi semelhante à campanha anterior. Quanto à batata de regadio, a área de plantação foi ligeiramente superior à do ano anterior. Está em fase de colheita, com bom desenvolvimento, bom calibre e qualidade boa, estimando-se um aumento de produtividade de cerca de 10% face ao ano anterior.

No Pinhal Sul, a batata de sequeiro está com problemas no armazenamento, constatamos com os produtores que aparecem batatas com podridão. A produção foi inferior ao ano 2024 devido a uma grande redução da área plantada, mas, mantém-se a produtividade idêntica ao ano anterior. A batata de regadio, que foi plantada mais cedo e já foi arrancada, teve uma produção ligeiramente superior à de 2024.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba quer em Cimo Côa, a batata a colheita está um pouco atrasada, devido ao tempo verificado na altura das plantações. Não se prevê alteração da variação da produção/rendimento em relação ao ano anterior.

Nas zonas homogéneas da Serra da Estrela e da Cova da Beira, a cultura da batata, apresenta bom desenvolvimento vegetativo em ambas as zonas homogéneas, estando as variedades mais precoces no final do seu ciclo vegetativo. Prevê-se uma boa produção.

Na Campina e Campo Albicastrense, a batata de regadio está praticamente colhida, com quantidade e qualidade normais na zona sul da zona homogénea. Nas áreas a norte da zona homogénea ainda está em desenvolvimento, perspectivando-se também produção normal. A batata de sequeiro está colhida. A produtividade foi idêntica ao ano anterior, mas a área baixou.



ANEXO I

Zonas Homogéneas	Concelho	Local	Precipitação acumulada (mm)	N.º de dias com precipitação	Temperaturas Médias (°C)			
			01 a 31/07	01 a 31/07	Máx.	Min.	Média	
ZONAS DO LITORAL	Baixo Vouga	Agueda	6,1	3	30,0	13,2	21,7	
		Anadia	Arcos	0,0	0	30,6	15,5	22,4
			Pedralvites	-	-	-	-	-
	Baixo Mondego	Cantanhede	Poço Lobo	4,0	4	29,0	13,3	20,9
		Soure	Moinho de Almojarife	5,4	2	26,9	15,3	20,9
		Coimbra	Cooperativa Agrícola de Coimbra	30,2	5	29,6	15,7	21,5
			Cooperativa Agrícola de Montemor-o-Velho	10,2	1	27,5	15,6	21,1
		Coimbra	Instituto Politécnico de Coimbra	7,8	2	29,4	14,5	21,0
	Pinhal Litoral	Batalha	Branças	2,4	3	30,2	14,2	21,5
		Leiria	Azóia	2,0	1	27,7	15,7	20,7
			Casal do Alho	-	-	-	-	-
		Pombal	Alcaria	0,6	2	31,5	14,9	22,0
Abiul			3,4	2	32,1	15,6	22,3	
Leiria		Regueira de Pontes	1,4	2	27,8	14,5	20,6	
ZONAS DE TRANSIÇÃO	Pinhal	Lousã	Quinta do Conde	1,6	2	37,1	13,1	24,6
		Miranda do Corvo	Cerdeira	-	-	-	-	-
		Ansião	Freixo	2,0	3	31,7	15,1	22,3
	Beira Serra	Nelas	C. E. Vitivinícolas	3,4	2	32,7	15,5	23,4
	Alto Dão-Lafões	Viseu	Estação Agrária	0,2	1	32,2	14,9	22,9
	Baixo Dão-Lafões	Tondela	Quinta das Tílias	2,6	1	34,1	16,3	24,3
	Alto Mondego	Gouveia	Nabais	1,0	2	33,4	15,3	23,7
		Sertã	Cernache	3,8	2	31,9	14,0	22,8
	Pinhal Sul	Proença-a-Nova	Chão-do-Galego	1,6	2	34,5	17,1	25,6
		Oleiros	Oleiros	2,0	2	31,6	15,5	23,2
ZONAS DO INTERIOR	Riba Cõa	Mêda	Longroiva	1,2	1	35,2	15,5	25,4
		Pinhel	Pinhel	53,4	3	32,8	12,5	22,7
		Trancoso	Trancoso	0,8	1	32,8	13,9	22,8
	Serra da Estrela	Celorico da Beira	Carvalheda	1,8	1	32,3	13,0	22,6
		Guarda	Relvas	0,2	1	33,0	14,1	23,5
	Cimo Cõa	Sabugal	Martim Rei	0,0	0	31,0	11,4	21,1
		Almeida	Almeida	1,6	1	31,1	14,2	22,9
	Cova da Beira	Belmonte	Belmonte	0,0	0	34,4	12,7	23,9
			Covilhã	Lamaçais	0,0	0	35,2	13,6
		Fundão	Brejo	0,0	0	32,9	15,3	24,4
			Alcongosta	0,8	2	32,1	16,5	24,0
Fadagosa			0,0	0	34,4	16,3	25,5	
Campina e Campo Albicastrense	Idanha-a-Nova	Várzea	0,0	0	36,6	15,0	26,3	
	Penamacor	Assoc. B. Cova Beira	0,0	0	33,6	14,5	24,2	

Fontes: EMMMA.P. - D.G.N.I. - D.I.F.M.P.V.

*.NBOFHBM

** de 01/07 a 30/07 *** de 01/07 a 29/07

ANEXO II

DISPONIBILIDADE DE ÁGUA NAS ALBUFEIRAS DOS APROVEITAMENTOS HIDROAGRÍCOLAS																
01/08/2025																
Concelho	Albufeira	Cota (NPA)	Vol. total (NPA) - hm3	Vol. morto - hm3	Vol. útil - hm3	Armazenamento total				Armazenamento útil		Descargas nos últimos 7 dias				
						Cota actual	Actual (hm3)	Última leitura (hm3)	Variação (hm3)	% ao NPA	Vol. útil amaz. - hm3	%	Descarregado r de Cheias	Descarga de fundo	Caudal ecológico	
Anadia	Porcão	104,00	0,102	0,004	0,098	102,50	0,083	0,092	-0,008	↓	81,6%	0,079	80,9%	não	não	n.a.
Castelo Branco	Magueija	353,50	0,134	0,000	0,134	353,51	0,134	0,134	0,000	↔	100,0%	0,134	100,0%	sim	não	n.a.
Figueira de Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,200	0,050	2,150	684,19	1,781	1,781	0,000	↔	81,0%	1,731	81,0%	não	não	não
Mortágua	Macieira	143,63	0,946	0,026	0,920	143,20	0,918	0,945	-0,027	↓	97,0%	0,892	97,0%	não	não	sim
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,120	0,005	0,116	480,01	0,006	0,008	-0,001	↓	5,2%	0,002	5,2%	não	não	n.a.
Pinhel/Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,867	0,183	4,684	575,90	4,177	4,239	-0,062	↓	85,8%	3,994	85,8%	não	não	sim
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,854	0,204	0,650	800,70	0,792	0,813	-0,021	↓	92,7%	0,588	92,7%	não	não	não
Vila Velha de Ródão	Açafal	112,60	1,746	0,000	1,746	110,71	1,404	1,446	-0,042	↓	80,4%	1,404	80,4%	não	não	não
Vila Velha de Ródão	Coutada/Tamujais	131,00	3,891	0,591	3,300	128,30	2,821	2,968	-0,147	↓	72,5%	2,230	72,5%	não	não	não
Viseu	Calde	547,20	0,589	0,033	0,556	546,53	0,537	0,553	-0,016	↓	91,1%	0,504	91,1%	não	não	n.a.
			15,449	1,095	14,354	12,653	12,978				78,7%	11,558	81,9%			

OBSERVAÇÕES/OUTROS:

n. a. (não aplicável) - barragens sem válvula de descarga do caudal ecológico; Calde e Coutada, por exemplo, garantem os caudais ecológicos com outras origens de água que afluem à zona imediatamente a jusante das barragens.

Fonte: CCDRC/DIGRH

CC
DR **CENTRO** . I.P.

WWW.CCDRC.PT

